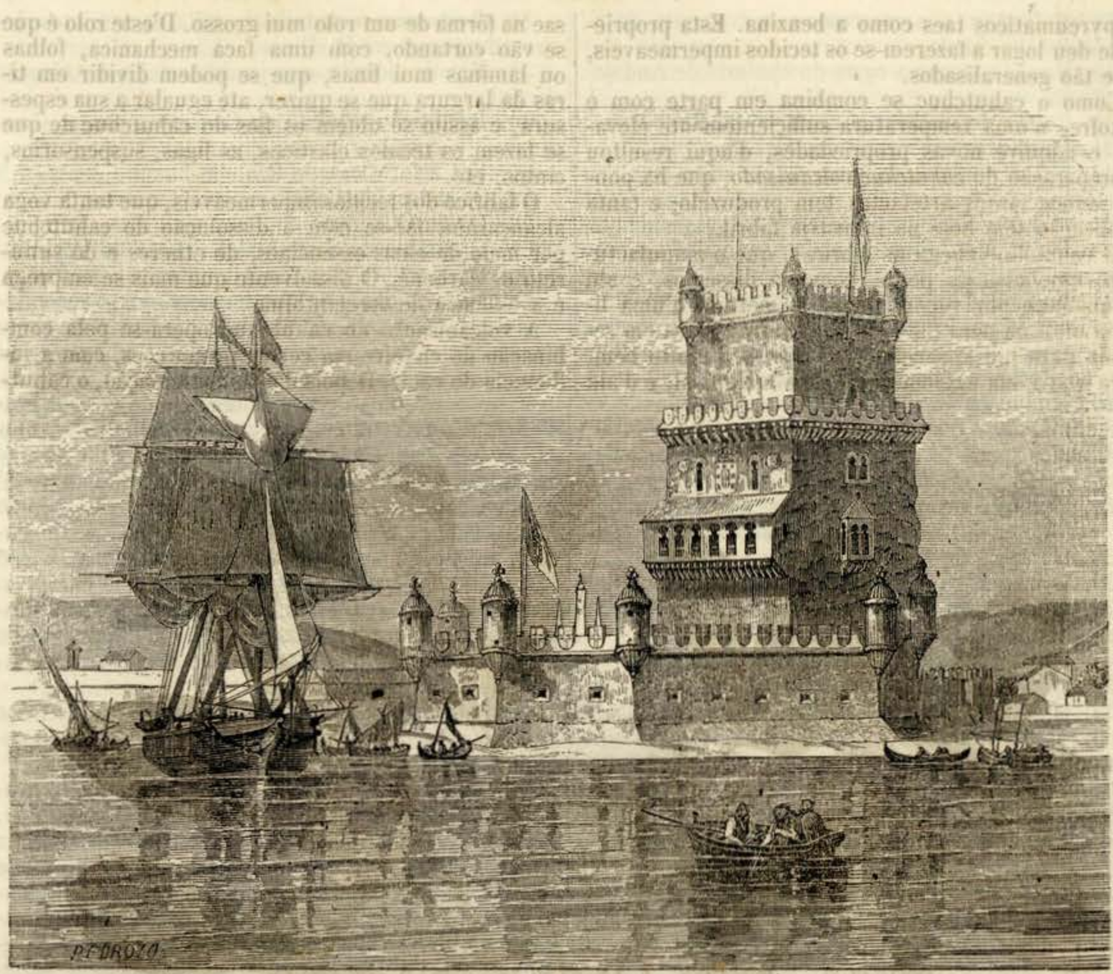


Torre de Belem ¹ — Desenho e gravura de Pedroso

Já por muitas vezes, n'estas paginas, havemos fallado da grandiosidade, singular estilo, belleza artistica, e multidão das edificações do incomparavel reinado de D. Manuel, quando de algumas d'ellas temos dado estampa.

A que hoje publicâmos, por segunda vez, foi desenhada da parte do mar, por isso differe da primeira que é vista do lado de terra. É obra primorosa do nosso collaborador artistico, e distincto pintor de marinhas, o sr. Pedroso, e uma das que tão vantajosamente foram qualificadas pela respectiva commissão na proxima passada Exposição Industrial do Porto.

A tôrre de Belem, sobre ser um primor de architectura, de estilo egual ao do convento dos Jeronymos, que lhe fica proximo, e ella parece estar defendendo, tem por brazão haver sido riscada pelo auctor do *Cancioneiro*, e chronista del-rei D. João II, Garcia de Resende, e posta em execução por el-rei D. Manuel, cuja magnificencia está assellada em todas as obras que mandou fazer, não obstante serem tantas, tão varias, e tão custosas, que mal se comprehende, como n'um reinado em que toda a cogitação, tantos braços, tantos cabedaes, andavam empenhados nas armadas, nas navegações, nos descobrimentos, nas conquistas, nas embaixadas, nas negociações, houvesse tal sobra de tempo, de gente e dinheiro para o commettimento e conclusão de tantos edificios!

Aqui poremos, para espanto dos presentes, admiração dos vindoiros, e gloria dos nossos passados, a relação das obras que se fizeram no reinado de D. Manuel, segundo a noticia que d'ellas nos deixaram os escriptores contemporaneos.

1. O grandioso templo e convento dos Jeronymos, no sitio onde embarcou Vasco da Gama para a armada que foi ao descobrimento da India.
2. A torre chamada a principio de S. Vicente e hoje de Belem, para defender a entrada de Lisboa, riscada pelo chronista Garcia de Rezende.
3. O terreiro do Paço, que era tudo praia, e o fez com grande trabalho e despeza até ganhar o mar.
4. O caes da Pedra, com anditos de cantaria a beira do mar.
5. A alfandega nova.
6. A casa da India e Mina.
7. Os paços da Ribeira.
8. O arsenal, que proveu de grande numero de armas, de pé e de cavallo, arcabuzes, peças, e mais petrechos de guerra.
9. As tercenas ás Portas da Cruz para casa da polvora e fundição de artilheria.
10. A egreja e casa da Misericordia de Lisboa.
11. A Conceição Velha, onde era a synagoga dos judeus, para os freires de Christo.
12. A parochial egreja de S. Julião.
13. As tercenas navaes a Cataquefarás.
14. O dormitorio do convento de S. Domingos.
15. A cadeia do Limoeiro, onde antes fôra casa da Moeda, e depois paço dos reis até D. Diniz.
16. Os paços da casa da supplicação e do civel, junto á egreja de S. Martinho.
17. A real casa de Santo Antonio da sé.

¹ Vid. pag. 405 do vol. II do *Archivo Pittoresco*.

18. Reformou e accrescentou o convento de S. Francisco da cidade.
19. Mandou trazer a agua do chafariz de Andaluz ao Rocio.
20. Cobrir de madeira o chafariz del-Rei.
21. Restaurar o chafariz dos Cavallos.
22. Fez o chafariz da agua do telheiro de Cataquefarás. [1]
23. Mandou consagrar em templos e casas de oração todas as mesquitas de moiros que ainda no seu tempo subsistiam.
24. Fundou o convento da Annunciada, na Mouraria, em logar da grande mesquita que alli havia.
25. Concluiu e dotou o hospital de todos os Santos, no Rocio, começado pelo seu antecessor.
26. Mudou as escholas geraes (universidade de Lisboa) dos antigos paços de D. Diniz, que estavam arruinados, para os do infante D. Henrique, abaixo de Santa Marinha, os quaes fez de novo.
27. Edificou o convento de Nossa Senhora da Serra, em Almeirim, de frades dominicos.
28. Os arcos de Val-de-Vez.
29. O magnifico templo da matriz de Azurara.
30. O mosteiro de S. Jeronymo do Matto, em Alemquer.
31. O convento de S. Francisco de Santarem.
32. O de Evora, tambem de franciscanos.
33. Mandou fazer os tumulos del-rei D. Affonso Henriques, e de D. Sancho I, em Santa Cruz de Coimbra, e outras obras magnificas n'aquelle convento.
34. Fez quasi de novo a capella-mór e o côro da abbadia de Alcobaça.
35. Ampliou a egreja de Santa Maria do Olival, matriz da Ordem de Christo.
36. Reedificou a ponte d'Olivença sobre o Guadiana.
37. Mandou abrir o paúl de Muge.
38. Edificou o celebre conventinho da Pena no cume da serra de Cintra.
39. A sumptuosa egreja de S. João Baptista, de Thomar.
40. A sé de Elvas.
41. Começou a famosa capella chamada *imperfeita*, no convento da Batalha, que destinava para seu jazigo e dos seus descendentes, antes de intentar a edificação do mosteiro de Belem.
42. Fez a sala dos escudos da nobreza do reino no paço de Cintra.
43. O convento das Berlengas da ordem de S. Jeronymo.
44. O de Santo Antonio do Pinheiro.
45. O de S. Domingos de Monte-mór.
46. O de Santa Clara de Tavira, no Algarve.
47. O de S. Francisco, de Serpa.
48. O mosteiro das monjas benedictinas, do Porto, recolhendo e reduzindo a elle as freiras e rendas de alguns conventos pequenos que havia da mesma ordem, entre Douro e Minho.
49. A ponte nova do Mondego.
50. A praça e chafariz de Beja.
51. O corpo da egreja, o côro, a claustra pequena e a chamada de lavor, a casa do capitulo e os ornatos exteriores do magnifico convento de Thomar, cabeça da ordem de Christo, mandando fazer para o novo côro as famosas cadeiras de madeira oriental, que os francezes queimaram em 1810.
52. Fundou e dotou o hospital de Coimbra.
53. O de Beja.
54. O de Monte-mór Velho.
55. Reedificou o castello de Almeida.
56. Acabou o aqueducto da cidade de Lagos.
57. Fez um deposito de armas e de polvora em Santarem.

[1] Isto soubemos pelos livros do provimento da agua, que se conservam no archivo da camara municipal de Lisboa.

58. Restaurou o castello da villa de Alfaiates, levantado por el-rei D. Diniz.
59. Fez de novo a egreja do castello de Alcacer do Sal.
60. Reedificou a ponte de Olivença sobre o Guadiana.
61. Fez a fortaleza de Castello-bom.
62. Os muros de Campo-maior.
63. Os de Olivença.
64. O tumulo de S. Pantaleão na sé do Porto.
65. O castello e paço de Almeirim.

Estas são as obras de que ha memorias, e recopilámos de Damião de Goes, de Pedro de Mariz, de Jorge Cardoso, e das chronicas monasticas; mas de certo não estão ainda aqui todas numeradas.

E note-se que este arrolamento é só das edificações feitas no continente; porque, se lhe juntarmos as sés que erigiu nas ilhas, e na Africa e na Asia as fortalezas de Mazagão, de Cochim, de Cananor, de Coulão, de Quiloa, de Sofala, de Moçambique, de Anchediva, de Socotorá, de Ormuz, de Goa, de Pacem, de Pedir, de Calecut, de Chaul, de Zeila, de Malaca, de Ternate, e outros castellos, e em quasi todas estas cidades muitas egrejas, conventos e hospitaes, então fôra extensissima, e hoje impossivel de completar, a relação de todas as edificações do tempo del-rei D. Manuel.

Mas pelas que acabâmos de nomear se póde fazer idéa do auge a que chegou o nosso poderio no seculo XVI.

Voltando porém á que representa a primeira gravura d'este numero, diremos, que a torre de Belem, apesar de ser começada por el-rei D. João II, que a mandou riscar pelo seu «pagem da escrevaninha» e bom desenhador Garcia de Resende, el-rei D. Manuel é que a levantou tal qual a vêmos, sendo executor da obra o mesmo architecto da egreja dos Jeronymos, o italiano Botaca.

Não ha muitos annos que se mandou demolir um barracão que pejava a bateria acasamatada, e restaurar no estilo primitivo algumas ameias e esculpturas, que o tempo e o vandalismo da ignorancia haviam deteriorado. Hoje está perfeita, e é um dos monumentos que os artistas estrangeiros logo copiam quando chegam a Lisboa, e que todos os forasteiros visitam e admiram.

Já que, actualmente, como fortaleza não tem nenhum prestimo, porque até foi mandada desartilhar, ficando-lhe só as peças necessarias para salvar aos navios de guerra estrangeiros que entram no Tejo, e para outras taes continencias, seria acertado, como se já tem lembrado, estabelecer alli o museu militar, ou dar-lhe outro destino que melhor contribuisse para a sua conservação que o destacamento de artilheria que a guarnece.

CHIQUINHO

(IMITAÇÃO DE UM ROMANCE DE CARLOS DESLYS)

(Vid. pag. 278)

VII

Houve um novo silencio na narrativa, e não se ficou ouvindo senão o canto dos passaros que pulavam nas maceiras, e o murmurio harmonioso da maré que enchia.

Ao fim de alguns minutos, o pae de Chiquinho proseguiu:

— Tenho-me dado a particularidades de mais, meu senhor; bem o conheço; queira perdoar-me. Todas estas pequenas coisas são grandes acontecimentos

para nós outros, filhos da aldeia. Além de tudo, a nossa vida ia ser d'ahi por diante bem pallida e muda; a criança já alli não estava! Eu, ao menos, tinha occasião de o ver; como estava na minha mão ir vender o peixe para onde me parecia, aproveitava ás vezes algum barco que se fazia de vela para Lisboa, e, quando havia bom vento, era um regalo para a companha levarem-me alli, por ser tanta a minha alegria, que dava alegria aos mais. O senhor Fonseca tinha-me dado licença para o visitar, e eu, como é facil de crer, não me fazia rogar. Chiquinho acolhia-me com transportes de alegria, assim como a sua familia nova; elle vivia alli como um passarinho no ninho. Cada vez gostavam mais do seu genio, e cada vez admiravam mais os progressos que fazia no collegio. Sim, senhor! no collegio, porque lá o tinham posto com os filhos dos primeiros da cidade... que nos seus estudos o meu pequeno parecia exceder! Julgue o senhor se eu ficaria contente com isto, e se, quando voltava por terra, tocaria ou não a minha jumenta parda por aquella estrada fóra, galgando a serra del-Rei como quem salta um vallado, tudo para vir depressa dar noticias á pobre mãe, que anciava por ellas! Coitada! era dia grande para ella, o dia em que eu voltava; mas, uma occasião, teve ciumes da minha fortuna, e disse-me:

— Quero tambem conduzir o peixe até á cidade, com tanto que abrace o meu pequeno: ouviste, meu homem?

— Quando queiras, Margarida, não hei de ser eu que me opponha.

— Pois quero amanhã! exclamou, quero amanhã!

Estava-se em dezembro; a neve cobria a terra, as estradas em barrancos, e o vento que voltára ao norte parecia annunciar para a noite proxima um frio de rapar tudo. Nada importou. Por mais que eu arrazoasse, pedisse, e explicasse que não só para mim, mas tambem para a jumenta, estava um tempo de castigar judeus, não houve mais remedio senão partir.

Ponha na sua idéa uma noite sombria e de nevoeiro, uma ventania de levar moinhos, e um frio de perder a paciencia; os caminhos intransitaveis, legoas e legoas sem povoação, e um carro pequeno e desengonçado, abrigado unicamente por um bocado de panno, atormentado pelos furacões.

E Margarida não se queixava; qual! Ao contrario, parecia contentissima da jornada, e quando eu lhe perguntava: — Mulher, tu não tens frio? respondia-me sorrindo: — Não penso senão na minha alegria d'ámanhã, que já me aquece como se fôra o sol!

Chegámos em fim. Em quanto á scena que se seguiu, são coisas que não podem dizer-se com palavras.

Depois, duas vezes durante o inverno, reuni a mãe e o filho, mas está escripto que as mulheres nunca estão contentes. E Margarida, que devia considerar-se feliz, principiou a emprehender n'outra idéa.

— Sim, me dizia em certa occasião ao entrarmos em Lisboa, o nosso filho está bonito, bem educado, e acolhe-nos bem. Mas, se nos encontrasse assim, eu na jumenta, com o meu capotinho, e tu de bota de simonte e camisa de lã, se nos encontrasse assim na rua, com o seu fatinho rico, e se por acaso os outros meninos seus companheiros de collegio estivessem com elle, quem sabe se não terá vergonha de nós, se se atreverá a reconhecer-nos?

No momento mesmo em que Margarida terminava as suas supposições, iamos nós pelo Terreiro do Trigo. Era dia de festa em S. Vicente, e entre a multidão que ia ao officio distinguia-se a extensa linha dos collegiaes a dois e dois. Toquei a jumenta, e ao passarmos pelo ranchinho, assim que vi o meu Chico gritei por elle.

Oh! Certo d'isso estava eu. A criança não hesitou. Mal que nos viu tirou-se das alas, e sem lhe importar mesmo que os seus companheiros o vissem, atirou-se aos braços da mãe como um louquinho.

— Vês? disse eu a Margarida.

— Tem bom coraçãosinho! respondeu-me ella, depois de eu o abraçar tambem, e de o deixar ir juntar-se ao collegio. Mas fizeste mal, meu homem, quem adivinha se deixarão agora de fazer caso d'elle por o terem visto fallar comnosco?

D'esta vez a mulher tinha sua razão, e se tornasse a dar-se o caso, eu havia de reflectir melhor. Mas consolei-me por pensar que este mesmo encontro me dera occasião de conhecer o bom natural do pequeno, e que, no caso de quererem os seus camaradas gracejar com elle, havia de saber defender-se.

Passou a primavera sem nenhum outro incidente notavel. A familia do sr. Fonseca voltou a Giraldes, mas, infelizmente, sem Chiquinho.

— Vejam que tambem eu sei sacrificar-me por elle! disse graciosamente a menina D. Eugenia. Pozemol-o interno no collegio, até ás ferias.

— E quando são as ferias?

— No meado d'agosto.

A quatorze d'agosto, senhor, o nosso Chiquinho voltou carregado de livros e de premios. Pense por um instante na alegria suprema de o vermos de novo alli!

Infelizmente essa alegria tinha de ser de pouca duração. A menina D. Eugenia recaíu doente, e d'esta vez por uma fórma terrivel. Pobre menina, que no fim do outono precedente havia ido a sorrir tão contentinha! As rosas da sua tez murcharam ao sopro do inverno, como as ultimas flores dos campos. O ar da cidade tambem tivera influencia n'aquella saude delicada. Já, quando voltou, a encontrámos mais magra, fraca, e pallida. D'esta vez o campo e o mar não tiveram poder. Susteve-se na vida até chegar Chiquinho; a alegria de tornar a vêl-o deu-lhe o ultimo esforço da lampada que está a apagar-se. Durante dois ou tres dias ainda passeou na praia. Uma manhã, porém, quiz sair, e cambaleou a tremer toda. Sentou-se um momento para ganhar forças, procurou levantar-se, caíu desfallecida, moribunda...

Foi então uma afflicção, um desespêro em toda a aldeia, porque não havia uma pessoa só que não gostasse d'aquella menina, tão caridosa e angelica!

Mas o que mais lhe queria, senhor, mais que o pae, mais até que a mãe.... era Chiquinho!

— Ah!, murmurava elle entre lagrimas, bem dizia eu que era outra Catharina! Deus não nol-a tinha dado senão de emprestimo; era boa, era bonita de mais para ficar na terra; no ceo é que é o seu logar!

Todavia escrevêra-se immediatamente para as Caldas e para Lisboa; chegaram medicos, e houve uma consulta. O senhor Fonseca, que fazia idéa de que a sciencia não poderia dar a sua decisão diante da doente, nem diante de sua mãe, como se sentisse com coragem de saber tudo, disse aos doutores para se reunirem em minha casa.

Quando chegaram, como já estavamos prevenidos, mandámol-os sentar, e retirámo-nos respeitosamente.

O pobre pae não tardou em chegar.

— Senhores, disse elle entrando, fallem-me como se deve fallar a um homem!

Ah! a resposta foi terrivel. A menina não podia ser salva senão por milagre. O mais que poderia conseguir-se era prolongar-lhe a vida por alguns mezes, durante um anno talvez. Mas para obter este resultado era preciso sair de Portugal, e ir á Madeira.

— Imagine a fórma de transportar a menina com todos os cuidados que o seu estado exige, concluiu o mais velho dos medicos, que fallava em nome dos

outros, mas partam sem perda de tempo, e sobre tudo que ella não suspeite nada; a verdade matal-a-hia. Não tome, porém, as nossas palavras como uma irrevogavel decisão — ainda lhe restam duas esperanças: Deus e o sol.

(Continua) JULIO CESAR MACHADO.

O ELEPHANTE LAVRADOR

O elephante é o mais corpulento, o mais volumoso, o mais forte, e o mais intelligente de todos os quadrupedes. A este, e não ao leão, compete o titulo de rei dos animaes, porque o elephante vence o leão; domestica-se para serviço do homem; trabalha em muitos officios; não mata os outros viventes para seu sustento; não combate senão em defesa propria, não infunde terror, não quer dominar; a paz é o seu desejo e o seu timbre. Além de tudo isto, o seu instincto é tal que parece querer emparelhar com a intelligencia do homem.

Desde tempos antigos, os povos da Asia avaliam o elephante como o mais precioso dom da natureza do seu clima; só as nações africanas tem desconhecido a importancia d'este pachyderme, que elles tratam como besta feroz e indomavel, em quanto os orientaes, maravilhados da habilidade e intelligencia do elephante, lhe prestam um culto quasi divino.

Nas Indias faz este animal todo o serviço dos bois, dos cavallos, dos camelos, e outras bestas de carga e de tiro; porém com tal geito, e por seu proprio movimento, que parece incrivel o que d'elle se conta.

Infelizmente este quadrupede, como outros muitos agigantados animaes, restos das grandes especies geologicas que cobriam a terra ha milhares de seculos, tende a extinguir-se com a civilisação dos povos, e a progressiva dominação do homem.

Com este receio se estão fazendo repetidas tentativas para domesticar e aclimar o elephante, de modo que propague sem ser no estado de selvagem, o que até agora se não tem alcançado.

Os francezes acabam de conseguir, em Argel, a domesticação e procreação do abestruz, o elephante das aves. É de crer que tambem alcancem a do rei dos quadrupedes, muito mais util e transcendente para o trabalho e para o commercio.

A gravura que hoje apresentâmos de um elephante lavrando com a charrua, na India, nos proporciona occasião de fazer um resumo da historia natural e moral d'este intelligente e laborioso animal, cujo prestimo e sagacidade devem conhecer e admirar aquelles que apenas tem noticia do elephante, pelos dentes de marfim que vêem ás portas dos pentieiros.

O elephante habita os climas quentes da Asia e da Africa; entretanto foge das planicies adustas, busca as florestas, as margens dos rios, e os sitios humidos.

Se ha animal feio e desarcado, cujas fórmas se desviem mais das idéas que temos da belleza, é sem duvida o elephante. Massa enorme de materia, corpo espesso e sem flexibilidade, sustentado sobre quatro vigas toscas, que taes parecem as pernas, coberto de pelle rugosa, similhante a coiro velho e gretado, cabeça breve, por nariz uma tromba comprida, pescoço curto e entaboado, olhos pequenos, orelhas desmedidas, e quasi sem cauda, tal é a figura hedionda do elephante.

Este animal é tão enormemente pesado, que, quando se deita, só com muito esforço e difficuldade se póde levantar, por isso, em sendo velho, vê-se obrigado a dormir encostado ás arvores ou ás paredes das cavernas. Já tem havido alguns que é necessario levantal-os com machinas.

O peso extraordinario dos dentes o cança tambem muito, porque ha tal que pesa mais de tres arrobas. Estes dentes que, como se sabe, dão o marfim, sáem-lhe da bocca, aos lados da tromba, e servem-lhe para combater, para se defender, e tem força de arrancar pela raiz arvores seculares.

O elephante não póde abaixar a cabeça, como os outros animaes, para comer; com a tromba é que o apanha e leva á bocca; e é tambem com ella que absorve a bebida; quando a tem cheia, faz entrar a ponta na bocca até á garganta, e ahi lança a agua com a força da respiração.

A tromba do elephante é tão singularmente organisada que merece mais detida descripção. É o prolongamento do nariz, e um composto de membranas, nervos, e musculos; mas tão apta para o movimento como para o sentimento. O elephante póde-a não só mover e dobrar, mas encolher, estender, curvar e voltar em todos os sentidos. Na extremidade tem uma ourela que se alonga pela parte de cima, á maneira de dedo; por meio d'esta ourela e d'esta especie de dedo, é que o elephante faz tudo quanto nós fazemos com as mãos; apanha do chão as mais pequeninas moedas, colhe as hervas e as flores, escolhendo-as a uma e uma; desata as cordas; abre e fecha as portas, dando volta ás chaves e correndo os ferrolhos, e finalmente com ella aprende a traçar letras regulares com um instrumento tão pequeno e delgado como uma penna.

Não se deve duvidar, diz Buffon, que esta especie de mão do elephante tenha muitas vantagens sobre a nossa; é egualmente flexivel, e tão propria como a nossa para apanhar e apalpar até os corpos mais delicados. Todas estas operações se fazem por meio do appendice, em fórma de dedo, situado na parte superior da ourela que cérca a extremidade da tromba, e deixa no meio uma cavidade, em fórma de taça, no fundo da qual se vêem os dois orificios dos conductores communs do olfato e da respiração. Tem portanto o elephante o nariz na mão, e é senhor de juntar a potencia dos bofes á acção dos dedos, de attrahir por um forte chupão os liquidos, ou levantar os corpos solidos, mui pesados, applicando-lhes á superficie a ourela da tromba, formando um vacuo no interior pela aspiração. D'este modo a tromba é um triplice sentido, cujas funcções, reunidas e combinadas, são ao mesmo tempo causa, e produzem os effeitos d'essa intelligencia e faculdades que tanto distinguem o elephante, e o tornam muito superior a todos os outros animaes.

O olfato do elephante é mimoso; gosta apaixonadamente dos perfumes de toda a especie, principalmente das flores odoriferas, que elle escolhe, de que sabe fazer ramalhetes, e que, depois de as ter provado com o olfato, leva á bocca, e parece deleitar-se com o sabor, demorando-as no paladar. A flor de laranja é um dos seus manjares mais deliciosos: com a tromba despe uma laranjeira de toda a sua verdura, come-lhe os fructos, as flores, as folhas, e até os troncos novos. Sustenta-se de hervas, folhas, ramos tenros das arvores, e grãos. Póde comer de oitenta a cem kilogrammas de herva por dia. Os domesticados dispendem uns sessenta de arroz. O sustento diario do que havia no jardim real de Paris, mui pequeno, constava de oitenta pães, doze canadas de vinho, duas celhas de caldo e sopada, em que entravam quatro para cinco pães, sem contar o que lhe davam os curiosos que o iam ver.

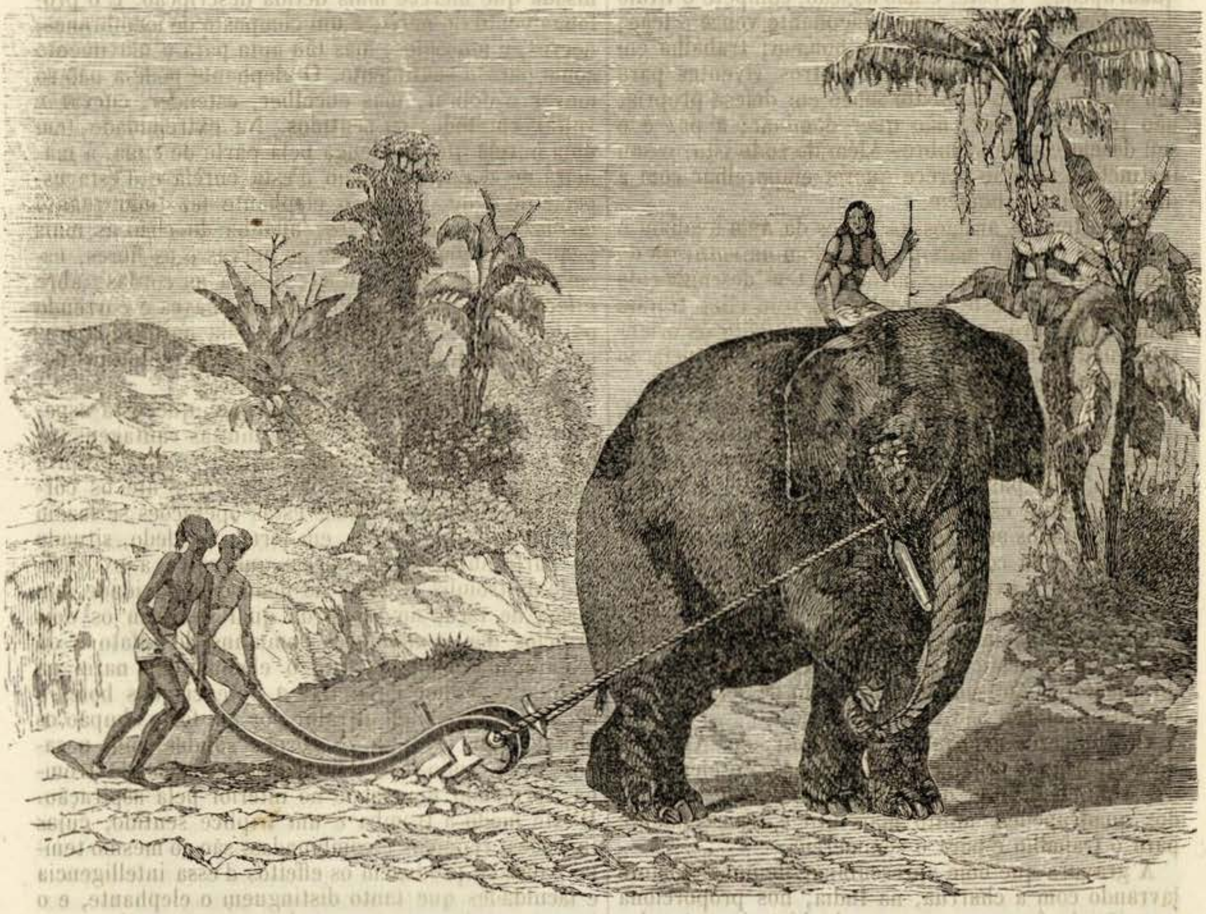
O elephante gosta muito dos licores fortes e tabaco, posto que o embebedam. Quando lhe promettem uma ração de araca (aguardente de arroz), trabalha com um animo admiravel, e põe em acção todas as suas forças; mas, acabada a tarefa, é preciso não enganar a sua esperança; se se lembra dos be-

neficios, conserva ainda melhor a memoria das injustiças, e é animal que sabe vingar-se. E tem razão, porque não se deve enganar ninguem, nem mesmo um elephante.

No estado natural, os elephantes vivem em sociedade, e logo que um d'elles encontra boa pastagem, dá um grito para avisar o resto da companhia, que no mesmo instante acode.

Cada sociedade permanece unida, e nunca se mistura com outra: marcham em cafilas, ou bandos, á maneira dos selvagens, e isto fazem para se ajudarem e soccorrerem mutuamente; e talvez para a vida lhes ser menos fastidiosa, e mais supportavel.

Quando assim marcham não é bom atiçal-os, mas se os não provocam, nem tem injurias que vingar, passam adiante tranquillamente. O mais velho vae na frente, o seu immediato faz marchar a tropa, e vae na rectaguarda; os novos e fracos vão no centro; as mães levam os filhos como que abraçados na tromba. Esta ordem só observam nas viagens de perigo, porque ordinariamente contentam-se de não se afastarem muito uns dos outros.



Elephante lavrador

Já dissemos que os elephantes buscavam com preferencia os sitios sombrios e a visinhança dos rios. É porque não podem passar sem muita agua, de que enchem a tromba e espargem em torno de si, ou derramam no lombo, mettendo-se a miudo nos rios. Esta preparação lhes é necessaria para impedir que a pelle, por ser muito espessa, se lhes grete e fenda. Aos que vivem domesticados ha cuidado de esfregar com azeite para o mesmo fim.

Se os olhos d'este animal são pequenos, e parecem desproporcionados ao seu corpo, nem por isso são menos brilhantes, vivos, e extremamente expressivos. O sentido do ouvir é n'elle tão fino e apurado como o do olfato; gosta singularmente do som dos instrumentos, e marca excellentemente o compasso. As orelhas são muito grandes, pendentes, e achatadas sobre os lados da cabeça; move-as á sua vontade, e servem-lhe para enxotar as moscas, e cobrir os olhos da poeira.

O elephante não tem pello senão em parte da tromba, e um topete na ponta da cauda; mas este pello é tão grosso e duro, que parece umas tiras de barbas de baleia, e não cabello de quadrupede. A côr é um pardo cinzento ou escuro: ha tambem elephantes brancos, mas esta é uma variedade tão rara, que alguns povos do oriente dão grandes e mortiferas batalhas para a possuirem, e o mais ufano e vanglorioso titulo que póde tomar um d'aquelles reis, é o de *senhor do elephante branco*. El-rei de Sião goza d'esta suprema ventura e dignidade; e o seu elephante branco é guardado por cem officiaes nobres, servido em baixella de ouro, passeado debaixo de pallio, alojado n'um magnifico e riquissimo palacio, cujas paredes e tectos são doirados. Dizem que este pobre animal, tão respeitado, se enfastia de morte com tal grandeza; mas talvez não seja assim, porque o elephante gosta de parecer bem, e ama os adornos; afaga e anima os que o enfeitam; e anda mais soberbo e presumido que um commendador quando vae adereçado. Não se sabe d'onde lhe vem esta vaidade!

Posto que de modo nenhum consinta em ser vexado, todavia acostuma-se facilmente á escravidão. A maneira de apanhar e domar este soberbo ani-

mal é curiosa. No centro das florestas, n'um sitio proximo aos que o elephante frequenta, escolhe-se um espaço amplo, que se fecha com uma forte estacada; as arvores mais grossas fazem as principaes estacas, contra as quaes se prendem travessas que sustentam as outras estacas menos grossas: esta estacada fica com umas aberturas por onde um homem possa passar facilmente, entre pau e pau, e só se deixa uma grande entrada por onde caiba o elephante; esta entrada tem um alçapão de levantar, ou tem uma cancella que se fecha com facilidade. Para attrahir o animal a este recinto, vae-se buscar, para negaça, uma femea domestica: quando se julga estar ao alcance de ser ouvida, o cornaca, isto é, o guia, a faz bramar; o macho silvestre lhe responde logo, e parte a vir ter com ella; ao mesmo tempo faz-se caminhar a femea para o sitio da estacada, obrigando-a a repetir os berros de tempo a tempo; o macho segue-a pelo rasto, e entra pela mesma porta: logo que o elephante percebe que está preso, o seu ardor desapparece, e quando vê os caçadores entra em furia. Então lançam-lhe cordas de grandes laços para o segurarem, põem-lhe travancas nas pernas e na tromba, vem dois ou tres elephantes mansos trazidos por homens praticos e espertos, tenta-se atal-os com o elephante montez, e consegue-se a final, por arte ou por força, por tormentos ou por afagos, domal-o e domestical-o em poucos dias.

Além d'esta ha outras maneiras de apanhar os elephantes, que variam segundo os paizes, os meios e a intelligencia dos que fazem esta caçada. Por exemplo, em quanto o rei de Sião faz construir muralhas, fossos, socalcos, etc. para apprehender estes animaes, o pobre negro do matto contenta-se com abrir uma grande cova, que depois cobre com troncos frageis, e um pouco de terra por cima, armadilha em que o bruto cae infallivelmente na passagem, e fica sendo presa do caçador.

Outros, em vez de empregarem a femea para attrahir o elephante com os seus brados, ajuntam-se em numero de quatrocentos ou quinhentos, fazem-lhe monteria, e seguem algum extraviado até o metterem nas estacadas, onde fica preso. Ha tambem caçadores destros e animosos que accommettem os ranchos menores, fazem-nos dispersar, e depois atacam um por cada vez, deitam-lhe um laço no caminho, para o prender por um dos pés trazeiros, e o seguem na carreira sustendo sempre a corda, até que acham occasião favoravel para a passarem á roda de alguma arvore robusta; e quando d'este modo conseguem segurar na carreira algum elephante bravo, vão buscar logo dois elephantes amansados, a que prendem o primeiro; se este quer resistir, mandam aos dois que o fustiguem com a tromba até que o atordôem, e n'este estado o conduzem ao logar que lhe destinam. Passados alguns dias, o pobre animal não se lembra mais da sua liberdade; e por pouco que a escravidão lhe seja agradavel, dedica-se amigavelmente ao seu senhor, e o serve com todo o zelo e fidelidade, se é estimado.

O elephante tambem é nadador consummado, e com esta prenda tem mais a de poder transportar com facilidade grandes pesos de uma a outra margem dos rios. Antigamente, antes da invenção da polvora, era elle utilissimo na guerra; armavam-lhe no lombo umas torres, em que iam cinco ou seis combatentes; tambem lhe armavam a tromba, e o excitavam contra o inimigo. Hoje este seu serviço seria perigosissimo, pois nada ha que o elephante tema tanto como o fogo.

Com toda a commodidade se fazem boas jornadas ás costas d'este animal, dentro de umas gaiolas ou caixas muito ricas e elegantes, nas quaes se vae muito á vontade. É verdade que tal carruagem dá grandes balanços por causa da andadura pesada do elephante, mas é segura, porque este animal nunca embica. Sem se fatigar, póde fazer quinze ou vinte legoas de caminho por dia, e quarenta quando o puxam muito. Finalmente, para em poucas palavras dar uma idéa dos muitos e grandes serviços que o elephante póde prestar, bastará dizer, que todas as pipas, saccos, e fardos, que se transportam de um logar a outro na India, tudo é acarretado por elephantes, que ao mesmo tempo podem levar pesos ás costas, no pescoço, nos dentes e até na boca, mettendo n'ella a ponta de uma corda que elles seguram com os dentes menores; que ajuntando a intelligencia á força, nada quebram nem damnificam do que se lhes entrega; que passam a carga da praia aos barcos sem a molhar, pondo-a com muito cuidado onde se lhes indica, tocando-lhe depois com a tromba, para ver se os volumes estão bem seguros; e que quando são pipas que rolam, vão elles mesmos buscar pedras para as calçar e firmar solidamente.

Depois de havermos dado um resumo do physico do elephante, não nos esqueçamos do moral que o distingue, em summo grau, de todos os outros animaes. Fallámos já da sua habilidade e intelligencia; vejamos agora alguns exemplos da bondade do seu caracter, com o que terminaremos este artigo, que de proposito fizemos mais extenso do que costumâmos, porque tratavamos do maior e melhor animal terrestre que a natureza creou.

Um cornaca (conductor), maltratou injustamente um elephante, e este no impeto do seu furor matou-o. A mulher do cornaca, que estava presente, pega logo em dois filhos que tinha, lança-se aos pés do bruto ainda furioso, e diz-lhe: *Pois tu mataste meu marido, tira-me tambem a vida e a meus filhos.* A estas palavras, o elephante pára de repente, deixa a furia, e como se fosse tocado de pezar, pega com a tromba no mais velho dos filhos, põe-no sobre o pescoço, adopta-o por seu cornaca, e nunca mais quiz consentir outro guia.

O seguinte caso prova bem quanto o elephante é reconhecido e grato. Um soldado da guarnição de Pondicheré, que costumava trazer a um d'estes animaes certa medida de araca, quando recebia a etape, tendo um dia bebido mais do que é razão, vendo-se perseguido pela guarda que o queria prender, foi refugiar-se debaixo do elephante, e alli adormeceu. Debalde a guarda tentou arrancal-o d'este asylo, o elephante defendeu-o com a sua tromba. No dia seguinte, o soldado tornando em si da bebedice, tremeu todo, quando acordou, vendo-se deitado debaixo de um animal de tão enorme grandeza. O elephante, que percebeu este medo, afagou-o com a tromba para o animar, e deu-lhe a entender que podia retirar-se tranquillamente.

Todos os lidos na nossa historia sabem que el-rei D. Manuel, quando saía a publico, levava por batedores, ou porteiros da cana, dois elephantes; e tambem que na ribeira das naus, no estado da India, trabalhavam como excellentes e poderosos operarios, muitos elephantes domesticados.

EMBAIXADA DE FREDERICO III, IMPERADOR D'ALLEMANHA, A EL-REI D. AFFONSO V DE PORTUGAL — CONSORCIO D'AQUELLE SOBERANO COM A INFANTA D. LEONOR — FESTEJOS REAES E POPULARES EM CELEBRAÇÃO D'ESTAS NUPCIAS — OS PAÇOS DE S. CHRISTOVÃO — PARTIDA DA IMPERATRIZ PARA A ALLEMANHA.

(Vid. pag. 283)

V

Adiaram-se as festas do casamento por causa de doença dos embaixadores, que foram atacados de febres, resultado das fadigas e sustos da jornada, ou.

como pretende Valckenstein, por causa do ar do mar, a que não estavam affeitos.

Depois de restabelecidos, ainda houve segundo adiamento, resolvendo-se a imperatriz a ir viajar pelo reino em companhia dos embaixadores.

Não sabemos o motivo d'esta resolução. Poderia ter por fim distrahir a joven princeza das suas magoas; ou leval-a a despedir-se d'esse bom povo, que lhe consagrava tanto amor; ou, talvez, dar tempo a que se ultimassem os preparativos, que se faziam no arsenal de Lisboa para aprestar a armada, que devia conduzir a imperatriz a um porto da Italia, na sua viagem para a Allemanha.

O que é certo é que visitou muitas terras do interior, discorreu pelo Alemtejo e até pelo Algarve.

E em quanto por lá anda festejada e admirada por toda a gente, aproveitemos o ensejo para dizer alguma coisa ácerca dos paços de S. Christovão, que tanto figuraram n'estas bodas reaes.

Não temos achado noticia de quem foi o fundador d'estes paços. Só sabemos, pelo que nos diz Ruy de Pina na chronica de D. Affonso v, que no tempo d'este soberano pertenciam a D. Affonso, primeiro duque de Bragança, filho bastardo del-rei D. João I.

No começo do reinado de D. João II morava n'estes paços, e estava de posse d'elles, Dom Alvaro, sempre nomeado em nossas chronicas pelo tratamento de *Senhor Dom Alvaro*. Era filho segundo de D. Fernando primeiro do nome, e segundo duque de Bragança, irmão do terceiro duque, o infeliz D. Fernando II, que morreu degolado na praça d'Evora.

Foi Dom Alvaro regedor das justiças, e casando com D. Philippa de Mello, filha dos primeiros condes de Olivença, D. Rodrigo Affonso de Mello, e D. Isabel de Menezes, teve entre outros filhos a D. Rodrigo de Mello, primeiro conde de Tentugal, e primeiro marquez de Ferreira, d'onde procedem os duques de Cadaval.

Os paços de S. Christovão vieram a passar para a casa dos condes d'Aveiras e marquezes de Vagos, á qual pertence actualmente. Ignoramos em que tempo succedeu isto, e porque titulo se operou esta passagem. Entretanto diremos, como para servir de guia a quem quizer fazer alguma indagação a este respeito, que D. Isabel de Menezes, sogra de D. Alvaro, era filha de Ayres Gomes da Silva, fidalgo muito illustre, senhor de Vagos, e ascendente dos marquezes d'este titulo.

No seculo passado, reinando D. João v, foram reedificados aquelles paços por um dos condes d'Aveiras, e então se lhes construiu inteiramente de novo a frente principal, cujo prospecto démos em estampa a pag. 273.

O terremoto do 1.º de novembro de 1755 arruinou quasi de todo este edificio, que ao presente vemos meio em ruinas, meio transformado em immundos casebres, habitados por familias pobres. Está situado no pequeno largo de S. Christovão. Da visinha parochia da mesma invocação tirou outr'ora o seu nome este palacio.

Da sua antiga fabrica pouco resta. Entretanto ainda conserva uma porta em bom estado, da qual é copia exacta a estampa publicada a pag. 285. Deita esta porta para a rua do Regedor, nome que lhe ficou desde o tempo em que D. Alvaro de Bragança, regedor das justiças, morou n'este palacio.

VI

Logo depois do regresso da imperatriz, mediando apenas alguns dias para descanço das fadigas da jornada, deu-se começo aos festejos do seu consorcio no dia 13 de outubro.

Na tarde d'este dia veiu el-rei com toda a real familia visitar a imperatriz aos paços de S. Christovão, e conduzil-a aos paços da Alcaçova, onde devia haver esplendido sarau.

Principiou a funcção por uma lauta ceia. D. Affonso v, seus irmãos, e tio, sentaram-se a uma mesa collocada sobre um grande estrado, da qual occuparam tres lados. Os embaixadores foram tomar logar em outra mesa que lhes estava preparada na mesma sala, porém a alguma distancia d'aquella. A primeira mesa era servida pelos officiaes móres do paço, e a segunda pelos moços da real camara.

Á ceia seguiram-se danças e momos de exquisita invenção. Passando a corte para um vasto salão, assim que as pessoas reaes tomaram logar no throno, entraram os reis d'armas e arautos, vestidos com as suas cotas, e foram ajoelhar aos pés da imperatriz, a quem entregaram varias cartas, dizendo que eram enviadas pelos reis de toda a christandade.

Após esta primeira ficção veiu uma quadrilha de moiros e ethiopes, conduzindo uma ingente figura de dragão. Trajavam e dançavam ao modo dos povos que representavam.

Logo que saíram da sala entrou n'ella o infante D. Fernando, irmão del-rei, seguido de uma numerosa comitiva, todos vestidos ricamente e de uma só côr. O infante, aproximando-se do throno, apresentou á imperatriz uma carta em que lhe dizia, que vinha de longes terras com os seus cavalleiros para tomar parte n'aquella festa nupcial. Obtida a permissão da soberana, executaram diversas danças guerreiras.

Concluida esta diversão, despediu-se e retirou-se o infante com a sua gente; e immediatamente foram substituidos por uma horda de selvagens, que prostrando-se ante o throno, declararam que vinham de longinquas ilhas do alto mar, mandados pelos seus regulos para assistir áquella funcção. Feita a sua arenga, e pedida a competente venia, romperam n'um baile burlesco, com gestos e meneios extravagantes, á imitação dos povos barbaros e selvagens.

Retiraram-se a seu turno para deixar campo livre a uma hoste de guerreiros vestidos de brilhantes e ricas armaduras. Trazia na frente gentil mancebo, que envergava armas mais luzentes, pendendo-lhe rubro murrião do elmo de oiro. Era el-rei D. Affonso v. Dirigindo-se tambem á imperatriz, fez-lhe entrega de uma carta, na qual lhe dizia, que tendo noticia d'estas magnificas nupcias, apesar do seu reino se achar nos confins da terra, se resolvêra a vir festejal-as, e que para esse fim era chegado com a sua valente hoste em demanda de acções illustres.

Todas as cartas eram lidas em voz alta por um arauto; e assim que este pronunciou as ultimas palavras da carta do moço guerreiro, appareceu na sala uma cohorte de guerreiros allemães, trajados ao modo dos antigos germanos, com longos e crespos cabellos caindo-lhe até ás espadoas.

A sua carta, n'uma parte muito analoga ás mais, n'outra era concebida em termos de desafio a todas as nações que não se apressassem a vir solemnisar estas bodas.

A primeira hoste, que anhelava por mostrar seus brios e valor, acceitou o desafio pelas nações que alli fallavam. E logo se travou um combate, que a todos os circunstantes causou admiração pela destreza e agilidade dos combatentes. Era alta noite quando acabou o sarau.

O dia 14 de outubro foi todo consagrado a uma serie de representações apparatosas em honra e louvor da imperatriz.

Logo pela manhã foi conduzida D. Leonor com grande estado dos paços do castello, onde tinha ficado, para os de S. Christovão.

Á porta do castello fez-se a primeira representação. Estavam ahi sentados sete eleitores do sacro imperio romano, e com elles o arcebispo de Colonia. Defronte, sentado n'um throno, e cercado dos seus cardeaes, via-se o papa.

Os eleitores celebraram a ceremonia da eleição do imperador d'Allemanha, elegendo a Frederico III, rei dos romanos. O papa figurou a solemnidade da coroação dos imperiaes conjuges. Ambos estes actos foram precedidos de cartas, e terminados por discursos á imperatriz.

Á porta da sé achava-se o arcebispo de Lisboa em meio dos conegos e beneficiados. Á chegada da imperatriz lançou-lhe a benção, exclamando: *Cresçam, floresçam, e mutipliquem-se o teu nome e a tua geração como as areias do mar, etc.* E logo um formoso menino, em fórma de anjo, descendo dos ares por meio de um bem ideado maquinismo, veiu pôr sobre a fronte da imperatriz uma coroa de oiro, cantando ao som da musica: *Recebei aqui na terra esta coroa, como no ceo haveis de ser coroada por Deus sobre todos os elementos.*

Mais adiante havia a representação do paraiso. Aqui tambem appareceu um anjo, similhante ao outro de que fallámos, descendo do ar, e tirando de uma bandeja de prata doirada, que trazia nas mãos, rosas e mais flores desfolhadas, esparzia-as sobre a imperatriz, ao mesmo tempo que repetia a lôa em latim: *Recebe flores e rosas, para que tu e a tua geração floresçam na terra, e depois do longo florir das tuas virtudes, mereças receber nos ceos a flor da bemaventurança.*

No largo da sé estava disposta nova representação. O largo era maior que presentemente, pois que no logar da egreja de Santo Antonio, que ora vemos, apenas havia uma pequena casa, onde nascêra o Thaumaturgo, a qual por disposição testamentaria de D. João II veiu a ser convertida em templo, reinando D. Manuel.

Pois todo esse largo via-se apinhado de povo. Valckenstein calcula esta reunião em perto de vinte mil pessoas.

Erguia-se n'um dos lados da praça um amphitheatro de madeira, armado de damascos e pannos de Arraz; e n'este estavam collocados por sua ordem os reis de Portugal até D. Affonso V, em figuras de vulto, com vestes, armas, e coroas reaes.

Chegando ahi a imperatriz, saiu-lhe ao encontro o senado da camara, em nome do qual, e da cidade, orou um sabio doutor, tecendo o panegyrico de Frederico III e de sua joven esposa.

Em seguida pronunciou outro doutor um eloquente discurso, em que exaltou as virtudes, emprezas e acções gloriosas de cada um dos monarchas e principes portuguezes, e os serviços por elles prestados á propagação da fé christã.

Continuando o prestito real seu caminho, parou no largo da egreja de Santa Maria Magdalena, onde tres crianças, trajadas á maneira de anjos, esperavam a imperatriz. O primeiro, apertando na mão direita uma cruz, representava a *fé*. O segundo, empunhando um ramo verde, significava a *esperança*. O terceiro era o anjo da *caridade*, e tinha na mão uma pomba viva como emblema d'esta virtude. Cada anjo recitou sua lôa analoga á virtude que symbolisava, recommendando á soberana, que conservasse sempre accesso no peito o santo fogo da fé, esperança e caridade.

Do largo da Magdalena desceu o prestito á rua Nova del-rei, a mais bella e larga rua de Lisboa, pois contava 65 palmos de largura, e era guarnecida quasi exclusivamente de grandes armazens de livros, e de lojas de porcelana e variados objectos da China. Era obra del-rei D. Diniz, e corria exactamente por onde vemos a rua que ainda tem o mesmo nome, vulgarmente chamada dos Capellistas.

No centro d'aquella rua estava disposto um jardim, com sua esbelta fonte lançando agua de rosas, ou côr de rosa. Ornavam o jardim diversas figuras de animaes silvestres.

D'aqui proseguiu o prestito por outras ruas da cidade até aos paços de S. Christovão, onde se achava preparada a ultima das representações com que se solemnisava este dia, em que a imperatriz era conduzida como em triumpho pelo meio da cidade.

Em uma galeria bem decorada, e levantada para este fim no largo de S. Christovão, estavam sentados treze prophetas, vestidos como os da antiguidade, tendo cada um na mão um livro. Á aproximação da imperatriz ergueram-se respeitosamente, por seu turno, segundo a ordem em que se achavam collocados, e foram predizendo muitos beneficios e venturas que o ceo havia de conceder benigno aos reaes esposos.

Esta procissão, ou prestito real, em que iam acompanhando a imperatriz el-rei, a rainha, as infantas e infantes, e tudo quanto havia na corte de pessoas illustres e auctorisadas, gastou no transito quasi todo o dia, pois tendo saido pela manhã dos paços da Alcaçova, recolheu-se aos de S. Christovão á tardinha.

As festividades do dia 15 tiveram por theatro o largo de S. Christovão, e foram inteiramente populares. Principiaram por danças vistosas e bem ensaiadas, apresentando-se cada quadrilha trajada e ornada de differente maneira, que em umas era imitação de trajos estrangeiros, mais garridos e variegados que os nossos; e em outras pura phantasia, invenções imaginosas e extravagantes.

Ao meio dia entrou no largo uma turbamulta de moiros e moiras, mui enfeitados ao seu uso, dançando, cantando, e tocando pandeiros.

El-rei, que se achava com a imperatriz, e mais pessoas reaes, nas janellas do palacio, vendo estes folguedos e obsequios populares, mandou lançar na praça seis novilhos, ataviados de fitas multicores, que já de antemão estavam preparados e destinados para regalo dos que alli viessem festejar sua augusta irmã.

Recebeu o povo os seis novilhos com estrondosas exclamações de regozijo, victoriando o monarcha liberal, e em prova de gratidão tangeram em seus instrumentos, e formaram novas danças.

Os moiros tomaram para si dois novilhos, e alli mesmo os mataram e repartiram. Os quatro restantes foram divididos pelos outros populares. Mas tudo isto foi acompanhado de tantas e taes ceremonias e folias, que constituiu só de per si uma funcção.

Celebraram os moiros a morte dos novilhos com agoiros que tiravam d'elles, consultando-lhes os intestinos; e depois dançando ao som de guerreiros instrumentos a sua dança valida, os *machatins*. [1]

Os outros populares entretiveram-se primeiro fazendo sortes ás rezes, ao modo dos toureadores; e em seguida, em quanto o real presente se repartia por todos, tocavam, cantavam, bailavam, e por mil gestos e meneios expressavam a infinda alegria que lhes trasbordava d'alma.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

Explicação do enigma do numero 35.

O silencio muitos bens encerra em si

[1] Machatins ou matachins era uma dança mimica figurando um combate, que os moiros usavam, tendo-a recebido de outros povos antigos.